

## CONTRAPONOTOS

**\*Roberto Rodrigues**

O mês de abril foi pródigo em informações conflitantes sobre o setor agrícola, tanto nacional quanto internacionalmente.

No nível interno, um tema recorrente chamou a atenção: a diferença que continua existindo nos números relativos à safra de grãos entre a CONAB e o IBGE. A primeira, órgão ligado ao Ministério da Agricultura, aponta uma colheita de grãos da ordem de 159,2 milhões de toneladas para esta safra, uma queda de 2,2% em relação aos 162,84 milhões de toneladas do ano passado. Já o IBGE, subordinado ao Ministério do Planejamento fala numa safra de 158,6 milhões de toneladas e ano, 0,9% menor que a de 2011, de 159,9 milhões de toneladas. É uma diferença insignificante, menos de 0,5%, mas não é o número que importa: o relevante é termos 2 órgãos de governo fazendo o mesmo trabalho, duplicando gastos para chegar a resultados desiguais. Fala-se nisso há anos: porque não unificar os esforços em busca de um único número? Além da duplicação do trabalho, fica uma certa sensação de insegurança para quem é de fora.

Bem, mas e no nível internacional? As diferenças são bem mais sérias.

A FAO, instituição da Organização das Nações Unidas que olha a agricultura e alimentação anunciou que os preços globais dos alimentos aumentaram pelo 3º mês consecutivo no último março, especialmente por causa dos altos preços da soja que influenciaram a elevação dos preços dos óleos vegetais usados na culinária do mundo todo. De fato, os preços da soja estão bastante acima das médias históricas recentes, e pelo menos 3 fatores levam a crer que não deverão cair muito:

- a safra do Mercosul (Brasil, Argentina e Paraguai) será 25 milhões de toneladas a menos do que estava previsto, por causa da La Niña, que diminuiu as chuvas na região.

- os americanos estão anunciando que plantarão mais milho do que soja na próxima estação.

- a China continua demandando crescente quantidade deste grão para atender à sua produção de proteína animal.

E tem mais: o USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) anunciou que reduziu sua expectativa para os estoques mundiais de passagem da safra 2011/2012 para soja e milho. Os estoques de soja deverão ficar em torno de 55,52 milhões de toneladas no final da temporada, uma redução de 19,6% em relação à safra anterior, cujos estoques eram de 69,12 milhões de toneladas. Isso porque o total da safra mundial de soja deverá ser ao redor de 240 milhões de toneladas, cerca de 9,1% menor que a do ano anterior, de 264,22 milhões.

Já o milho deverá ter uma redução de apenas 1,5% sobre 2011: de 125 para 122 milhões de toneladas.

Por outro lado, o FMI acaba de anunciar sua visão de que haverá uma redução de preços das commodities agrícolas (além do petróleo) em função do declínio da atividade econômica mundial determinado pela crise financeira que vem atingindo principalmente os países europeus. Segundo os economistas do FMI, deverá cair a expansão dos mercados emergentes, especialmente a China, com redução do comércio mundial. E ainda existem conflitos não estabilizados, como as relações dos Estados Unidos com o Irã, o impasse do Plano de Paz na Síria, para citar apenas alguns.

E o FMI recomenda aos emergentes que aproveitem os atuais preços bons porque esse efeito vai acabar.

O Brasil, neste aspecto, não perdeu tempo: nas exportações do agronegócio brasileiro no 1º trimestre deste ano cresceram 8,7% em valor quando comparados com

as do ano passado. Em 2011, exportamos U\$ 17,8 bilhões, e neste ano chegamos a U\$ 19,41 bilhões.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**